



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

JORNALISMO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS


Caroline De Marchi Pignaton¹
Ruth de Cássia dos REIS²


1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos desta segunda década do século XXI nos encontrou em meio ao debate sobre a pós-verdade, discursos de ódio, bolhas e *fake news*. Essa agenda de questões emergiu em meio ao crescimento e fortalecimento da nova máquina de comunicação que se estabeleceu a partir dos processos de globalização e da comunicação digital. A explosão de um modelo baseado em rede, que oportunizou uma grande transformação no sistema comunicacional e social, faz emergir vozes até então silenciadas pelo velho modelo de comunicação vertical, em que os veículos de massa dominavam os processos de mediação e midiatização (SODRÉ, 2014). Manuel Castells (2008) e outros atribuem a essa nova configuração da comunicação em rede o surgimento ou ressurgimento de identidades forjadas, laços específicos e relações singulares (religiosas, sanguíneas, culturais, de gênero, etc) que não aquelas que se inscreviam em recortes mais particulares, como as classes, nações, ideologias, entre outras. As redes, inscritas numa ordem global, portanto, seriam um elemento forte a permitir que viesse à tona uma série de questões presentes no nosso cotidiano até então sublimadas ou recalçadas por discursos organizadores que acabavam por descaracterizar conflitos e desigualdades.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Ufes e pesquisadora do Grupo de Estudos de Discurso e Comunicação, E-mail: caroldmp@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades e na graduação em Jornalismo, E-mail: ruth.reis@ufes.br e ruthdosreis@gmail.com







Esse fenômeno traz tanto consequências positivas, pois favorece a reconfiguração das conexões e das solidariedades, quanto negativas, pois pode produzir polarizações de tal monta que alcançam níveis de intolerância insuperáveis. Manifestações preconceituosas e violentas contra segmentos étnicos, raciais, regionais, de gênero, políticos, ideológicos ou qualquer outro, tornaram-se frequentes em várias partes do mundo e configuram o que passou a ser caracterizado como discurso de ódio, questão que já vem sendo apontada e estudada desde antes da internet. Apesar de não ser um fenômeno novo, esse tipo de manifestação proferida por indivíduos nas redes, hoje reverbera de forma contundente demonstrando a grande transformação experimentada pelo espaço público nos últimos tempos. Antes, essas manifestações poderiam passar despercebidas pois não encontravam eco, uma vez que por um lado estavam pacificadas por um discurso de uma sociedade cordial, compreensiva e tolerante. Por outro lado, não alcançava a esfera pública devido a um sistema de comunicação que a dominava mais fortemente, reprocessava esse falatório cotidiano (HEIDEGGER, 1986) e o entregava na forma de um discurso conciliatório que, pelo menos no Brasil, foi curtido durante o século XX por diversos intelectuais e sistemas interpretativos hegemônicos, como a mídia ou a academia.

Nesse ambiente renovado, o jornalismo, ainda que busque reconfigurar sua participação e seu papel, se coloca como um dos integrantes privilegiados desse espaço público por toda a confiabilidade que angariou ao longo do tempo. Cabe indagar, considerando esse quadro, sobre o papel desempenhado pelo jornalismo na promoção e propagação dos discursos de ódio, que, hoje, se desentranham dos círculos sociais. Interessa-nos mais especialmente circunscrever essas primeiras análises aos recentes acontecimentos relacionados ao cenário político-ideológico brasileiro³, e, pela sua hegemonia no contexto da produção jornalística brasileira, às corporações de comunicação mais destacadas, que chamaremos de mídia tradicional.

³ Desde a eleição de 2010 o Brasil passa por uma intensificação do acirramento político entre dois polos: esquerda (no âmbito partidário representada pelo Partido dos Trabalhadores e outros partidos de menor expressão) e direita (representada pelo Partido da Social Democracia Brasileira e outros menores). Essa disputa político-ideológica deu o tom às manifestações que aconteceram entre 2013 a 2016, inclusive a todo o período de campanha eleitoral de 2014, passando depois pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e seguindo até os dias atuais em consequência dos desdobramentos da operação Lava-Jato e aproximam-se novas eleições presidenciais.







Questionamos se os veículos de comunicação tradicionais se apropriam da força de difusão das redes sociais para promover ou incentivar o discurso de ódio, tornando-as palco desse tipo de afeto para mover o campo político, e de que modo isso se dá, considerando o fato de que o jornalismo se configura mediante uma racionalidade normativa e processual de apuração e empacotamento de informação pautado no discurso da isenção. Questionamos também, como a estética da narrativa jornalística está sendo disputada para reconfigurar a autoridade de produtores de conteúdos no ambiente da comunicação em rede. Essa disputa se materializa hoje no que se denominou, não de forma muito precisa, de *fake news*, que se transforma numa arma poderosa das disputas políticas dentro e fora do campo da comunicação e do jornalismo.

Trata-se aqui de elaborar uma abordagem inicial sobre o fenômeno contemporâneo da comunicação e seus impactos na vida cotidiana e na política, problematizando essas questões que se entrelaçam e trazem para o centro do debate o papel das emoções e dos afetos no agenciamento político, o papel do jornalismo e seus instrumentos e estratégias no renovado território comunicacional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico empregado neste resumo trata-se de levantamento bibliográfico e de conhecimento empírico para se fazer uma abordagem preliminar dos estudos que estamos desenvolvendo para a nossa pesquisa no mestrado de Comunicação e Territorialidades da Ufes. Através deles, buscamos discutir as conexões entre o papel do jornalismo contemporâneo e os discursos de ódio que reverberam nas redes sociais, tornando-as palco desse tipo de afeto e visando mover o campo político. Problematizamos também a hipótese de que o jornalismo ainda detém papel significativo na formação da esfera pública contemporânea renovada pelas redes digitais, e que apesar de se pautar por uma racionalidade normativa e processual baseada no discurso da isenção, os monopólios de mídia tendem a proporcionar visões maniqueístas sobre as questões que abordam a fim de manter uma audiência que ameaça distanciar-se. Esse fenômeno traz para o centro do debate o papel dos afetos no agenciamento político,






o papel do jornalismo, seus instrumentos, estratégias e jogos de poder e linguagem no renovado território comunicacional.


Esfera Pública Reconfigurada

A internet trouxe novos formatos de construção e de manutenção dos laços sociais, que atualmente transcendem as redes físicas e ocupam lugar nas redes virtuais. Conceito trabalhado por Habermas (1962), a esfera pública, ou espaço público, coloca-se como âmbito de contato e conversação social em que se forma um conjunto de inclinações, visões de mundo, interpretações, coloquialmente designadas opinião pública. A nova configuração do território da comunicação (que entrelaça elementos da mídia tradicional e do mundo digital, este que aqui denominamos ciberterritório) é dominada pelas dinâmicas de uma máquina governada por algoritmos, que conseguem reorientar o fluxo de publicidade – principal dispositivo de financiamento da mídia tradicional – para os *players* globais de comunicação baseados nas redes digitais (como Google, Facebook entre outros). Estes alcançam níveis profundos e complexos de processamento de dados e reconfiguram os modos como a informação circula na sociedade e os agrupamentos que formam. Bolhas, câmaras de eco ou pequenas esferas públicas são imagens usadas para descrever o modo como os algoritmos têm organizado os usuários de redes sociais para mais rentavelmente distribuir publicidade e otimizar receitas.

Jornalismo e as Redes

As mudanças ocorridas nos últimos 20 anos, trouxeram para o jornalismo uma crise de financiamento, decorrente da ameaça à permanência dos seus pilares de sustentação material (a publicidade) e das formas com que se afigura num ambiente de comunicação composto de múltiplos produtores, denominado por Bentes (2016) “ruidocracia”. O impacto da internet sobre o campo do jornalismo vem transformando e inovando, tanto no sentido de sua função propriamente dita quanto no sentido da competência do seu exercício. Hoje, qualquer cidadão pode se transformar em um ator da rede (*web actor*, conforme nominou Ramonet). Esses atores da rede ocupam um lugar antes só ocupado pela comunicação profissional e seus participantes. Mesmo assim, o jornalismo ainda tem uma presença forte dentro do conjunto de produtores de conteúdos que alimentam a esfera pública de temas e visões sobre o mundo. Em geral produtos oriundos da indústria jornalística tradicional ou dos nativos digitais, com graus diversos de confiabilidade e





profissionalização, alcançam posição de destaque nos embates verificados em diversas redes sociais, na internet ou fora dela. Os *media* e o jornalismo são alguns dos responsáveis pela construção social da realidade, conforme propõe Sodré (2014), desempenhando um papel de referenciadores públicos e coletivos. Se, durante décadas, eles cumpriam quase que solitariamente o papel de manter das regularidades estruturais do sistema e a função de integração social, hoje disputam essa hegemonia com outros atores diante das transformações do espaço público e da pluralidade emergente.


Afetos e Ódio


A explosão de um modelo baseado em rede, que oportunizou uma grande transformação no sistema comunicacional e social, faz emergir vozes até então silenciadas pelo velho modelo de comunicação vertical, em que os veículos de massa dominavam os processos de mediação e midiatização (SODRÉ, 2014). Isso trouxe consequências positivas (conexões e das solidariedades) e consequências negativas (polarizações que alcançam níveis de intolerância insuperáveis), além de manifestações preconceituosas e violentas contra segmentos étnicos, raciais, regionais, de gênero, políticos, ideológicos conhecidas como discurso de ódio.

Os engendramentos discursivos do jornalismo podem tornar possível que as práticas sociais vivenciadas no ciberterritório sejam utilizadas como difusoras, incentivadoras e propagadoras do discurso de ódio em desfavor das minorias, de grupos políticos, de indivíduos e organizações da sociedade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notório que as redes sociais impactaram o jornalismo, não apenas porque informação ganhou ainda mais velocidade, mas porque novas vozes passaram a ter lugar, fazendo com que essa corrida acirre mais a concorrência entre os atores presentes no mundo da comunicação em busca de incidir sobre a opinião na esfera pública. A sociedade em rede propiciou a criação de valor específica para os conteúdos publicados no ciberterritório comunicacional. Muitas informações que passariam despercebidas ou reduzidas ao “boca a boca”, ganham visibilidade com esse novo modo de produção comunicativo.






A intolerância parece ter tomado conta do ambiente virtual e identificar os gatilhos desse comportamento é um fator relevante para entender o cenário dos tempos atuais. Safatle (2015) propõe-se a tarefa de pensar a sociedade a partir de um circuito dos afetos, que proporciona toda forma de coesão e repulsão no qual observa que o medo, positivado, se apresenta como afeto político central. Ele acredita que as transformações políticas devem passar também pela modificação dos afetos, pela mudança na estrutura do sujeito e na dinâmica de seus vínculos sociais.

O discurso de ódio sempre existiu, mas se atualizou com a nova máquina de comunicação e o contexto político contemporâneo local e global. Os afetos extremados transbordam por todos os lados dando vazão a perigosas polarizações, radicalismos e fundamentalismos não só nas redes, mas também no território do mundo social. Antes era menos perceptível aos olhos e ouvidos e para disseminá-lo com o antigo boca a boca levava-se muito mais tempo. Agora é possível expressar o ódio, dar a ele uma dimensão pública em uma fração de segundos e validá-lo com *likes* de “amigos” e seguidores fortalecendo vínculos sociais com quem pensa da mesma maneira e afastando os que têm opiniões contrárias. Isso traz questionamentos quanto à atuação do campo do jornalismo como um enunciador autorizado socialmente e com forte capacidade de influência sobre a produção da opinião e enlaçamento de grupos.

A cultura política do país tem forte presença da mídia, e, portanto, de todos os tipos de poder que estão por trás dela. Nesse sentido, o que se vê é uma tentativa de homogeneização do discurso político como forma de eliminação e descrédito de outros posicionamentos, como se todo o resto pudesse ser apagado ou esquecido. A eliminação do “inimigo” passa então por uma estratégia política de comunicação desempenhada por quem a domina. A hipótese aqui trabalhada de que há uma inter-relação entre a cobertura jornalística, a força de difusão das redes sociais e os discursos de ódio no cenário político brasileiro, requer ser analisada e mais aprofundada, mas seus indícios estão por toda parte.

4 CONCLUSÕES





A comunicação violenta e a intolerância dominam parte das discussões políticas nas redes sociais *on line* e presenciais nos últimos anos, colocando em debate os direitos à liberdade de expressão e à dignidade da pessoa humana. Argumentos desqualificam quem pensa diferente, gerando uma polarização entre diferentes tendências políticas. O maniqueísmo político exacerbado nas redes materializou-se na vida social gerando um clima de medo, de ódio e de uma eminente batalha real nas ruas do país. Toda a segregação é fundamentada e requer uma análise de como se estabeleceu e os fatores que contribuíram para isso. Discutir o assunto e trazer algumas questões relevantes é o primeiro passo para se chegar em algum resultado concreto.

5 PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Discurso de Ódio, Redes Sociais

6 REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão**. 1ed. [S.I.]: Mauad, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social & enquete operária**. São Paulo, Polis, 1987, p. 137-151. Disponível em: <http://evoluieducacional.com.br/wp-content/uploads/2012/08/21979592-Bourdieu-A-opiniao-publica-nao-existe.pdf>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkan, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 8ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia. Entre facticidade e validade** - Volume 2. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**, Parte I e II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.





INTERVOZES. **Quem controla a mídia no Brasil?** Disponível em: <<http://brazil.mom-rsf.org/br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LIMA Prudente, SÉRGIO Eduardo. Considerações sobre identificações e afetividades na política. **Revista Affectio Societatis**, 14(27), 206-226. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Disponível em:

<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>

LIMA, Venício. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001

LOSEKANN, Cristiana. **A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro**. p. 21, 2009.

McCOMBS, Maxwell.; SHAW, Donald L. A função do agendamento dos media, 1972 In: TRAQUINA, Nelson. **O Poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

MELO, MARCUS ALAN DE. Crítica à cobertura midiática da Operação Lava-Jato. In **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, 2016.

MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, RAMONET, SERRANO, D. I. P. **Mídia, Poder e Contrapoder**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.


MORETZSOHN, Sylvia. Discursos midiáticos e a deslegitimação da política / media discourses and the delegitimization of politics | Moretzsohn | E-Legis - **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <<http://e-legis.camara.leg.br/cefor/index.php/e-legis/article/view/369/436>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

NAPOLITANO, Carlo José. Limites à Liberdade de Expressão do Pensamento: Diversas Perspectivas. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0111-1.pdf>.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**. Tradução Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo: da mídia de massa à massa de mídias**. São Paulo: Publisher, 2012.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPIA, Tatiana. Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. **Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 27 a 29/ mai. 2015. Disponível em <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>



SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. 2ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

